

---

## Beyoncé e bell hooks em um diálogo sobre o amor<sup>1</sup>

Sandra Rita de Cássia ROZA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de abordar o amor, a partir de bell hooks (2021), apresentando como a autora inspira e está presente nos trabalhos de Beyoncé, principalmente em *Lemonade* (2016), como afirmo em (ROZA, 2022). O interessante desse estudo é que hooks sempre fez críticas importantes a respeito de Beyoncé, no quesito das representações de pessoas negras, principalmente de mulheres negras, o que mostra como pessoas negras podem e devem divergir entre si, pois são diferentes. Entretanto, o foco deste estudo não é abordar apenas isso, mas sim trazer o diálogo que Beyoncé e hooks fazem, de falar de amor e dos afetos como possibilidade, cura, política, estratégias de sobrevivência, empoderamento, aquilombamento e vida. Para compreender melhor o diálogo entre as duas, realizarei uma análise interseccional, que desenvolvi para analisar Beyoncé (2022).

**PALAVRAS-CHAVE:** Beyoncé; bell hooks; amor; mulheres negras; comunicação.

### 1. Introdução

O que é o amor, para você? Dr. Lenora Antoinette Stines<sup>3</sup>, artista jamaicana, inicia a música *Black Effect*, do álbum *Everything is Love* (2018), de Beyoncé e o marido Jay-Z, definindo o amor:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista, Pensamento Afrodiaspórico e Interseccionalidades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

<sup>2</sup> Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Jornalista (Ufop), Especialista em Comunicação e Sociedade 5.0 (HSM University), formada em Liderança - Take the Lead (Cornell University) e, atualmente, cursa Stakeholders e ESG (FIA Business School), email: sandraroz72@gmail.com.

<sup>3</sup> Em junho de 2020, Dr. Lenora Antoinette Stines processou Beyoncé e Jay-Z por usarem a sua definição de amor, sem consentimento e conhecimento que a fala seria usada na abertura de *Black Effect*. Stines exigiu a creditação e uma indenização de mais de \$ 75 mil dólares. Até o momento, não encontrei informações sobre o andamento do processo, mas a Dr. Lenora já está creditada como “Vocal”, nos créditos da canção. YOO, Noah. **Beyoncé and JAY-Z Sued by Jamaican Artist Sampled on “Black Effect”**. Pitchfork. 17 jun. 2020. Disponível em: <https://pitchfork.com/news/beyonce-and-jay-z-sued-by-jamaican-artist-sampled-on-black-effect/>. Acesso em: 14 mar.2024

---

Você pode nos contar sobre o amor? Hmm, bem, há amor de crianças, amor próprio, amor de Deus, amor de um parceiro. Todos eles têm uma forma diferente. Mas todos eles são os mesmos no final. É sobre sensibilidade, é sobre paixão. É sobre a entrega incondicional de si a outra pessoa. E há amor pela humanidade. Esse é o amor que é agora mais necessário. Amor da humanidade. Mas em tudo, em todo esse amor, existe uma alma. É como quando você pega alguns ovos e os quebra. E você pega as conchas e as mistura. Tentando encontrar os que combinam. E você encontra o par perfeito. Quando você encontrar o par perfeito. Essa compatibilidade resulta em paixão. Resulta em doação incondicional de si. (STINES, Black Effect, 2018)<sup>4</sup>

Com base na definição de Stines, é possível perceber que cada pessoa tem uma definição diferente sobre o que é o amor, seja por experiência pessoal, crença, teoria, ou outras formas de ser e estar no mundo que façam com que as pessoas experimentem o amor, os afetos, de forma única. Por exemplo, para mim, o amor é imensidão, é profundidade, conexão, potência, um sentimento que é difícil, complexo, mas também de muita entrega e compromisso. Amar, em suas diferentes maneiras, é um ato de coragem. É querer ir além das teorias e viver a prática.

Uma das minhas autoras preferidas e que me fizeram trazer o amor para a pesquisa é a bell hooks. Ela me mostrou, por meio da sua escrita, que o amor está no que a gente pensa, escreve e compartilha. Me apresentou também que amar é ser vulnerável e se apresentar vulnerável. Segundo a autora, somos ensinados a acreditar que “o lugar do aprendizado é a mente, e não o coração, muitos de nós pensamos que o ato de falar de amor com qualquer intensidade emocional será percebido como fraqueza e irracionalidade”. (hooks, 2021, p. 37)

Em um lugar de aprendizagem e produção de conhecimento, por exemplo, o mundo acadêmico, trazer o amor para a ciência, muitas vezes, é um desafio. hooks já alertava sobre a dor de ter os seus escritos criticados, por amar demais. Entretanto, a autora sempre mostrou que todos “os grandes movimentos por justiça social de nossa sociedade têm enfatizado fortemente uma ética do amor”. (hooks, 2021, p. 31)

Decidida a pensar o que é o amor, hooks iniciou a sua jornada após o fim de um relacionamento de 15 anos. Na época, a autora vivia o luto da separação, enfrentava a dor do coração partido e tentava encontrar o amor, sua essência. Nas suas descobertas, ela identificou que, na literatura, os homens eram os principais a falar sobre o amor e a defini-lo. Porém, a forma de amar que eles compartilhavam era de fantasias, de vazios:

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/the-carters/black-effect/>. Acesso em: 14 mar. 2024

---

“Homens geralmente escrevem a respeito do amor recorrendo à fantasia, ao que eles imaginam ser possível, e não ao que sabem concretamente”. (hooks, 2021, p. 36)

Neste ponto, hooks aborda a importância de falar sobre o amor, considerando também a perspectiva de gênero: a “maioria dos homens sente que recebe amor e, portanto, sabe o que é ser amado; as mulheres geralmente se sentem num estado constante de anseio, querendo amor, mas sem recebê-lo”. (hooks, 2021, p. 32). Esse fato fez com que a autora percebesse que “poucos escritores, sejam homens ou mulheres, falam do impacto do patriarcado, da forma como a dominação masculina sobre mulheres e crianças é uma barreira para o amor”. (hooks, 2021, p. 35)

Para a hooks (2021, p. 35), uma “mulher que fala de amor é suspeita”, principalmente por poder ser considerada uma ameaça às verdades e fantasias dos homens a respeito do amor. Já Gloria Anzaldúa (2000, p. 235) apresenta que a escrita é uma forma de poder para as mulheres: “uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida”. Anzaldúa (2000, p. 234) destaca também o impacto da escrita de mulheres não-brancas: “Nunca vi tanto poder para motivar e transformar os outros como aquele presente na escrita das mulheres de cor”. (p. 234)

Eu, bell hooks e Beyoncé somos mulheres negras. Ousamos escrever sobre o amor, em nossas pesquisas, em nossas vidas, em nossos movimentos por mudanças sociais. Sim, somos suspeitas por desenvolver, buscar e questionar um tema que, na maioria das vezes, é retirado de pessoas negras. Contudo, nossos poderes estão na liberdade de reivindicar o amor, que também nos cabe e nos afeta, em suas diferentes formas. Nós três, ao longo deste estudo, vamos tecer um diálogo. Meu objetivo é mostrar como Beyoncé e bell hooks dialogam entre si, que muito do trabalho de hooks está no de Beyoncé. Para isso, trarei exemplos de *Lemonade (2016)*, como afirmo e analiso em (ROZA, 2022).

## **2. bell hooks e suas críticas à Beyoncé**

bell hooks desenvolveu um vasto trabalho acadêmico sobre as representações culturais, principalmente, da representação de pessoas negras. Enquanto crítica cultural, hooks realizou análises importantes de diferentes artistas obras e produções, por exemplo, mostrando as relações entre as ideias estereotipadas da negritude e suas reproduções pelo olhar da branquitude e também pelo olhar da negritude: essas

---

“imagens podem ser construídas por pessoas brancas que não se despiram do racismo, ou por pessoas não brancas ou negras que vejam o mundo pelas lentes da supremacia branca — o racismo internalizado”. (hooks, 2019, p. 28)

No caso de Beyoncé, hooks (2019, p. 18) aborda como a ascensão social da cantora foi impulsionada por seus cabelos loiros, longos e lisos:

(...) artistas, atletas, estrelas de cinema e cantoras negras todas começaram a ficar loiras. Isso abriu o caminho para Beyoncé, uma jovem cantora negra, alcançar estrelato e riqueza sem precedentes. Na capa da revista Time como uma das cem pessoas mais influentes do mundo, ela usa seus cabelos loiros soltos, longos e lisos. Ao preservar essa construção da branquitude, vestindo calcinha e sutiã, Beyoncé dá continuidade ao estereótipo segundo o qual mulheres negras são mais ativas e abertas sexualmente que outros grupos de mulheres.

Estes argumentos de hooks são relevantes, principalmente por mostrarem como a mídia afeta a construção da autoestima e subjetividade negra. Entretanto, o que me chama a atenção aqui também é a maneira que os estereótipos podem nos aprisionar, nos escravizar. No caso de Beyoncé, enquanto especialista na artista, pesquisei ela para ir além das frases “Beyoncé é negra?”, “Beyoncé lucra com a causa antirracista”, “Beyoncé se embranqueceu”, entre outras, porque eu visava analisar a cantora mais a fundo, investigando o que não é tão explícito.

Bom, no ponto que hooks toca, trago um questionamento: será que o corpo de uma mulher negra não pode ser livre, não pode estar usando calcinhas e sutiãs, de forma política? Ou sempre ele será visto como uma forma de sexualização? Mulheres negras também não podem ser livres para usar o cabelo loiro, liso, longo? Inclusive, essa discussão sobre o cabelo vem sendo ressignificada e amplificada, cada vez mais, por diferentes mulheres negras pelo mundo, apresentando como escolher o cabelo ou penteado é uma forma de ser livre.

Agora, falando sobre *Lemonade* (2016), hooks escreveu “Mover-se além da dor”<sup>5</sup>, em 2016, uma crítica sobre o álbum. No texto, a autora faz um debate acerca do capitalismo, de como *Lemonade* (2016) é um produto mercantilizado para o mundo dos negócios, de que os corpos de mulheres negras vendem, como na escravização. hooks também enfatiza a importância da narrativa, que traz outras formas de olhar para mulheres negras, delas no centro. A autora também chama a atenção para o papel dos

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mover-se-alem-da-dor-bell-hooks/>. Acesso em: 18 mar. 2024

---

homens negros e a responsabilização deles para a eliminação do sofrimento das mulheres negras. Nesse caso, para hooks faltou o Jay-Z se responsabilizar. Outro ponto que a hooks toca é mover-se além da dor. Ou seja, ir além dos assuntos sobre a dor.

Longe de desrespeitar hooks e todo o seu legado, suas análises pertinentes e reflexivas, porém tenho outros dados que apresentam Beyoncé a fundo. Se tem algo que ela faz (e muito) é codificar seus códigos e o que ela realmente quer dizer em seus trabalhos. De fato, uma leitura rápida sobre a artista não dá conta de compreender *Lemonade* (2016), aprendi isso na prática. Por isso, desenvolvi a minha lente interseccional para analisar a cantora. A lente já determina que é normal eu e bell hooks discordarmos, ou melhor, termos outras percepções sobre Beyoncé. (ROZA, 2022)

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 01, p. 229-236, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a17.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação** / bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

hooks, bell. **Mover-se além da dor**. Tradução de Rafael Whig. Geledés. 12 mai. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mover-se-alem-da-dor-bell-hooks/>. Acesso em: 18 mar. 2024

hooks, bell, 1952. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas** / bell hooks; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

YOO, Noah. **Beyoncé and JAY-Z Sued by Jamaican Artist Sampled on “Black Effect”**. Pitchfork. 17 jun. 2020. Disponível em: <https://pitchfork.com/news/beyonce-and-jay-z-sued-by-jamaican-artist-sampled-on-black-effect/>. Acesso em: 14 mar. 2024

ROZA, Sandra Rita de Cássia. **Beyoncé sob uma lente interseccional: uma análise das representações de mulheres negras em Lemonade, Homecoming e Black is King**. 2022. 288 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/15165>. Acesso em: 09 mar. 2024